

C. J. SANSOM

REVELAÇÃO

Tradução de Victor Cabral

I

Os altos candelabros do Grande Hall do Colégio de Lincoln¹ resplandeciam com as suas velas, uma vez que era tarde avançada quando a peça de teatro teve início. A maioria dos membros do Colégio de Lincoln estava presente, os advogados vestindo as suas togas e as esposas nos seus melhores trajas. Após uma hora de pé, a assistir à representação, as minhas costas começavam a doer-me, e invejei os poucos membros do Colégio, aqueles já de uma certa idade, ou mais débeis, que tinham trazido bancos.

A representação de uma peça de teatro no Colégio de Lincoln, levada a cabo tradicionalmente em Março, tinha sido cancelada no início do mês devido à neve intensa; agora, com o mês avançado, o frio era ainda impróprio para a época, visível no bafo dos actores e da assistência, a deslizar, tal qual fumo, até às altas vigas do telhado. Este ano, a peça era um novo entremez, *O Julgamento do Tesouro*, uma fábula moral, densa, com os actores deslumbrantemente trajados a representarem os vícios e as virtudes da Humanidade. Enquanto o actor que desempenhava o papel da Virtude, resplandecente nas suas vestes alvas e nas suas barbas brancas postiças, pregava um sermão à Dissimulação pelos seus modos enganadores – muito apropriadamente, talvez, para uma assistência de

¹ Lincoln's Inn, no original – um dos quatro colégios que integravam os Inns of Court (Colégios dos Juriconsultos), em Londres, instituições de ensino e prática do Direito. (N. do T.)

advogados –, a minha atenção dispersou-se. Na penumbra, lancei os olhos pelos rostos da assistência. O tesoureiro Rowland, um velho amargo, de rosto magro, observava os actores, como se perguntasse a si mesmo se teria sido preferível ter contratado uma trupe com um guarda-roupa menos dispendioso, apesar de esta peça não requerer cenários elaborados. No lado oposto, vi o meu velho inimigo, Stephen Bealknap, os olhos gulosos, de um azul-pálido, a estudarem os seus pares. Aqueles olhos nunca paravam quietos, nunca se encontravam com os nossos, e quando me viu a observá-lo, o olhar dele deslizou para longe. Era, talvez, o advogado mais desonesto com quem eu alguma vez me tinha deparado; ainda me doía que, dezoito meses atrás, eu tivesse sido forçado a abandonar uma causa contra ele devido às impiedosas maquinações do seu patrono, Richard Rich. Pareceu-me que ele tinha um ar cansado, doente.

A alguma distância, o meu amigo Roger Elliard, para casa de quem tinha sido convidado para um jantar, mais tarde, de mão dada com a esposa. Tinha começado uma nova cena; a Cobiça estabelecera um pacto de associação com a Inclinação Para o Mal. Abraçando-a, a Cobiça foi tomada de súbito por dores e ajoelhou-se.

Ai de mim, que súbita dor esta,
Que mal estou que nem em pé me tenho,
O mal, o mal já me alcançou,
Morro sem remédio, aqui, já.

O actor, fulminado por juízo divino, estendeu uma mão trémula na direcção da assistência. Vi Bealknap olhá-lo com uma espécie de um desprezo confuso; Roger, por seu lado, virou-lhe as costas de repente. Eu sabia porquê; falaria com ele, mais tarde.

Por fim, a peça terminou; os actores fizeram uma vénia, a assistência bateu palmas, e nós pusemos as pernas enregeladas em movimento e saímos para o pátio exterior do edifício da portaria. O sol estava a pôr-se, iluminando com um brilho ocre os modernos edifícios novos e a neve que se derretia no pátio. As pessoas dirigiram-se para o portão, para saírem, ou, se residiam no Colégio de Lincoln, seguiram para suas

casas, envolvendo-se nos casacos. Esperei, ali na entrada, pelos Elliard, cumprimentando os conhecidos com um aceno de cabeça. Só as pessoas da assistência eram de fora, uma vez que aquele era um sábado sem aulas, a véspera do Domingo de Ramos. Olhei para o outro lado, para a residência dos Elliard. Todas as janelas estavam iluminadas e, lá dentro, podiam ver-se os criados afadigando-se com as travessas. Os jantares de Dorothy eram bem conhecidos no Colégio e, mesmo no final da Quaresma, com a carne vermelha proibida, eu estava certo de que ela teria mesa farta e excelentes entretenimentos para o estômago para o grupo que convidara.

Sentia-me bem, apesar do frio, mais tranquilo do que alguma vez tinha estado há muito tempo. Apenas mais uma semana e seria Domingo de Páscoa, e também o vinte e cinco de Março, o início oficial do Novo Ano de 1543. Em anos anteriores, tinha-me interrogado, por esta altura, que acontecimentos funestos o ano que se avizinhava poderia trazer. Agora, todavia, acreditava que do futuro deveria apenas aguardar um trabalho bom e interessante, e algum tempo com os meus melhores amigos. Nessa manhã, enquanto me vestia, fizera uma pausa para analisar o meu rosto no espelho de metal do meu quarto, algo que raramente fazia, uma vez que a visão da minha corcunda ainda me angustiava. Observei umas madeixas grisalhas no cabelo e umas rugas que se iam cavando mais fundo no meu rosto. Pensei, no entanto, que talvez me concedessem um ar um pouco distinto; também já passara os quarenta, no ano anterior; não poderia esperar que continuasse a parecer jovem.

Naquela tarde, antes da representação, caminhara até ao Tamisa, já que ouvira dizer que o gelo estava finalmente a quebrar-se, após um Inverno longo e agreste. Fiquei ali nas Escadas do Templo, e olhei para o rio. Era verdade; enormes blocos de gelo chocavam uns contra os outros, estrondeando e rangendo, no meio das águas turvas e cinzentas. Caminhei de volta através da neve macia que se derretia, pensando que talvez a Primavera estivesse, enfim, a chegar.

À entrada do Hall, senti um arrepio, apesar do meu pesado casaco forrado a pêlo, pois embora o ar estivesse definitivamente mais quente, estava ainda frio e eu nunca recuperara o peso que tinha perdido com as febres altas, dezoito meses atrás. Assustei-me um pouco quando alguém me deu uma palmada num ombro. Era Roger, a sua figura esguia envolvida

também num pesado casaco. A seu lado, a esposa, Dorothy, com as faces gorduchas avermelhadas pelo frio, sorria para mim. O seu cabelo castanho estava preso debaixo de um capuz francês, redondo, enfeitado com pérolas.

– Estavas completamente ausente, Matthew! – disse Roger. – A reflectir sobre os elevados valores da peça?

– Sim, elevados como uma casa mas pesados como um cavalo – afirmou Dorothy.

– Lá isso eram – concordei. – Quem a escolheu?

– O tesoureiro. – Roger olhou para onde Rowland estava a falar com um velho juiz, acenando com a cabeça de um modo grave. Baixou o tom de voz. – Ele queria qualquer coisa que não fosse politicamente controversa. Algo sensato, nos tempos que correm. Mas teria sido preferível uma comédia italiana.

Atravessámos juntos o pátio. Reparei que a neve na fonte do pátio exterior do edifício da portaria, que congelara durante os últimos meses, quase tinha desaparecido, revelando agora fragmentos de gelo cinzento. Talvez em breve a fonte voltasse a funcionar, o ruído suave da água a ecoar por todo o edifício. Sobre o gelo, viam-se algumas moedas; mesmo com a fonte gelada, ainda se atiravam moedas lá para dentro, com uma súplica por uma vitória numa demanda ou por boa sorte num assunto de coração; porque ainda que fossem capazes de o negar, os homens das leis eram tão supersticiosos quanto os outros.

†

O mordomo de Roger, um homem de idade chamado Elias, que estava com a família há muitos anos, cumprimentou-nos à porta e conduziu-me ao piso superior para eu lavar as mãos. A seguir, dirigi-me para o salão, onde grossas velas lançavam uma luz quente e macia sobre as cadeiras e os coxins. Elias e um rapaz serviam vinho a uma dúzia de convidados, todos eles advogados e as respectivas esposas, sentados ou reclinados. Um fogo exuberante aquecia a sala, transportando os aromas doces das ervas perfumadas até ao soalho de madeira, e a sua luz tremeluzindo na baixela de prata colocada sobre a mesa coberta por uma toalha.

As paredes estavam decoradas com retratos emoldurados, a maioria de personagens bíblicos, de acordo com a nova moda. Sobre a grande lareira, encontrava-se uma das mais belas peças de decoração do Colégio de Lincoln, o orgulho e a alegria de Roger. Tratava-se de um grande friso de madeira entalhada e motivos intrincados, ramos de árvores carregados de folhas entrelaçados com flores e frutos, e algumas cabeças de animais a espreitar pelo meio; veados, javalis e até um unicórnio. Roger estava de pé, ao lado do friso, conversando com Ambrose Loder, que pertencia aos meus escritórios. A sua figura era esguia e enérgica, e as suas mãos finas agitavam-se enquanto apresentava uma ideia a um advogado anafado, que permanecia imóvel, uma expressão céptica no rosto avermelhado.

Dorothy estava ao lado dele com uma expressão de bem-disposta simpatia, as roupas coloridas contrastando com as vestes negras dos dois homens de leis. Usava um vestido de damasco verde, com ouro a enfeitar-lhe a parte da frente, e uma gola alta, aberta na zona do pescoço; ficava-lhe bem. Ao ver-me, desculpou-se e dirigiu-se a mim.

Eu conhecera Dorothy quase há vinte anos. Era a filha de um *serjeant*² das minhas primeiras câmaras de advogados. Na altura, tínhamos ambos vinte e poucos anos e eu sentira-me imediatamente atraído pela elegância, inteligência e afável temperamento de Dorothy – uma combinação rara. Também ela parecia gostar da minha companhia; nunca pareceu fazer caso das minhas costas vergadas, e tornámo-nos bons amigos. Passado algum tempo, ousei pensar em transformar aquela amizade noutra coisa. Ainda não lhe tinha dado qualquer indício dos meus verdadeiros sentimentos, no entanto, e assim apenas me pude culpar a mim mesmo quando soube que Roger, meu amigo e colega, lhe tinha proposto casamento e o tinha visto ser aceite. Ele afirmou, mais tarde – e eu acreditei nele –, que não se tinha apercebido dos meus sentimentos por Dorothy. Ela tinha-os adivinhado, todavia, e tentou dourar a pílula dizendo que tivera de fazer uma escolha difícil. Eu achara isso pouco credível, uma vez que Roger era não só inteligente mas também elegante, com uma imprevisível e energética graça nos seus movimentos.

² Serjeant (at Law) – advogado de categoria superior, um grau hierárquico que desapareceu. (*N. do T.*)

Agora, Dorothy tinha, como eu, ultrapassado já os quarenta; ainda que, à excepção de umas rugazinhas visíveis em redor dos olhos, parecesse bastante mais nova. Curvei-me e beijei-a nas faces.

– Um bom Domingo de Ramos para ti, Dorothy.

– Também para ti, Matthew. Apertou a minha mão. – Como vai a tua saúde?

– Bem, actualmente. – As minhas costas tinham-me dado problemas frequentemente, mas nos últimos meses eu tinha sido consciencioso com os exercícios que Guy, o meu físico amigo, me tinha prescrito, e sentia-me muito melhor.

– Estás com bom aspecto.

– E tu pareces mais nova a cada Ano Novo, Dorothy. Possa este trazer-nos paz e prosperidade.

– Assim espero. Embora tenha havido um estranho prodígio; não ouviste dizer? Dois peixes enormes, lançados para a margem pelo Tamisa. Umas coisas enormes, cinzentas, da metade do tamanho de uma casa. Deviam estar sob o gelo. – Aquele seu brilho nos olhos dizia-me que Dorothy achava a história, como tantas outras coisas no mundo, deliciosamente absurda.

– Estavam vivos?

– Não. Ainda lá estão, nos bancos de lama, em Greenwich. As pessoas têm atravessado a Ponte de Londres às centenas, para os ver. Está toda a gente a afirmar que tendo acontecido na véspera do Domingo de Ramos, tal coisa augura algum acontecimento terrível.

– Nos dias de hoje, as pessoas estão sempre a descobrir prodígios de mau augúrio. Isso é agora uma paixão entre os zelosos evangélicos aqui em Londres.

– É verdade. – Lançou-me um olhar inquisitivo, sentindo, talvez, um tom amargo na minha observação. Vinte anos antes, eu, Dorothy e Roger tínhamos sido todos reformadores, esperançados numa nova fraternidade cristã no mundo. Eles ainda tinham essa esperança. Mas ainda que muitos dos convidados deles também tivessem sido reformadores, quando novos, a maior parte tinha-se retirado actualmente para uma calma vida profissional, assustada e desiludida com as vagas de confrontos religiosos e de repressão que tinham ido mais longe naquela década,

após o corte com Roma promovido pelo rei. Perguntei a mim mesmo se Dorothy adivinharia que, no meu caso, a fé quase tinha desaparecido.

Mudou de assunto. – No nosso caso, pelo menos, as notícias têm sido boas. Hoje, recebemos uma carta do Samuel. As estradas para Bristol devem estar de novo abertas. Ergueu as suas sobrancelhas escuras. – E, lendo nas entrelinhas, creio que ele tem uma rapariga.

Samuel era o único filho de Dorothy e de Roger, a luz dos olhos deles. Há alguns anos, a família tinha-se mudado para Bristol, a cidade natal de Roger, onde ele obtivera o cargo de Magistrado Municipal³. Regressara, há um ano, para exercer no Colégio de Lincoln, mas Samuel, agora com dezoito anos e a fazer a aprendizagem com um mercador de tecidos, tinha decidido permanecer lá; para desgosto dos pais, percebi.

Sorri gentilmente. – Tens a certeza de que não estás a ler na carta dele os teus próprios desejos?

– Não, ele menciona um nome. Elizabeth. A filha de um mercador.

– Não lhe será possível casar até ter acabado a aprendizagem.

– Excelente. Isso conceder-me-á tempo para ver se estão bem um para o outro. – Sorriu maliciosamente. – E talvez para poder enviar um espião até Bristol. Talvez o teu assistente, Barak. Ouvi dizer que ele é bom nessas tarefas.

Dei uma gargalhada. – Barak está ocupado com o meu trabalho. Terás de arranjar outro espião.

– Agrada-me o humor contundente dele. Ele está bem?

– Ele e a esposa perderam um filho, no ano passado. Afectou-o bastante, ainda que não o demonstre.

– E ela?

– Não tenho visto Tamasin. Passo o tempo a dizer para mim mesmo que lhes vou fazer uma visita. E tenho mesmo de o fazer. Ela foi muito atenciosa comigo quando tive aquelas febres.

– Então, o Tribunal de Demandas⁴ mantém-te muito ocupado. E agora és um *serjeant*. Sempre soube que um dia chegarias a esse cargo eminente.

³ City Recorder, no original – (principal) magistrado em certas cidades, com jurisdição civil ou criminal. (*N. do T.*)

⁴ Court of Requests, no original – tribunal que no final do século xv se autonomizou da Cúria Régia; a sua principal jurisdição era o direito civil, nomeadamente as demandas dos pobres e dos servidores do rei. (*N. do T.*)

– Sim – sorri –, é um trabalho bom. – Fazia já mais de um ano que o arcebispo Cranmer me tinha nomeado como um dos dois advogados designados para advogar diante do Tribunal de Demandas, onde se ouviam as causas dos homens pobres. Uma *serjeancy*, o estatuto de advogado sénior, tinha vindo junto com o posto.

– Nunca gostei tanto do meu trabalho – continuei. – Embora os casos sejam muitos e alguns dos clientes... bem, a pobreza não torna os homens bons, ou de trato fácil.

– Nem deveria – replicou Dorothy, com vigor. – É uma maldição.

– Não me queixo. O trabalho é variado. – Fiz uma pausa. – Tenho um novo caso, um rapaz que foi encarcerado em Bedlam⁵. Vou encontrar-me com os pais dele amanhã.

– No Domingo de Ramos?

– Há alguma urgência.

– Um cliente louco.

– A questão não é se ele é realmente doido ou não. Foi lá enfiado por indicação do Conselho Privado do Rei⁶. É um dos casos mais estranhos com que alguma vez me deparei. Interessante, ainda que eu preferisse não ter de me meter num assunto do Conselho.

– Hás-de conseguir que se faça justiça, disso não tenho dúvidas. – Dorothy colocou a mão dela sobre o meu braço.

– Matthew! – Roger tinha surgido a meu lado. Apertou-me a mão vigorosamente. Era baixo e seco, com um rosto magro, mas bem parecido, olhos azuis curiosos e um cabelo negro no qual se começavam a perceber umas entradas. Mostrava-se tão enérgico como sempre. Apesar de me ter levado a melhor com Dorothy, há todos aqueles anos, eu ainda tinha por ele a maior das afeições.

– Ouvi dizer que Samuel escreveu – disse eu.

– Sim, aquele mafarrico. Finalmente!

– Tenho de ir à cozinha – disse Dorothy. – Volto já, Matthew. Fala com o Roger, ele teve uma ideia interessante.

⁵ Bedlam – à altura, a designação popular de um conhecido hospício (Hospital of St. Mary of Bethlehem). (N. do T.)

⁶ Privy Council, no original – Ao tempo, um conselho reduzido composto por conselheiros próximos do monarca, e que o assessoravam em assuntos de estado, habitualmente confidenciais. (N. do T.)

Fiz-lhe uma vénia, quando ela se foi e a seguir voltei-me para Roger.

– Como tens passado? – perguntei discretamente.

Ele baixou o tom de voz.

– Não me voltou a dar aquilo. Mas ficarei mais contente quando me tiver encontrado com o teu amigo médico.

– Reparei que desviaste o olhar quando a Cobiça foi subitamente fulminada, durante a peça.

– Sim. Isto aterroriza-me, Matthew. – De repente, parecia vulnerável como um rapazinho. Apertei-lhe o braço.

Nas últimas semanas, e do modo mais inesperado, Roger andava a perder o equilíbrio e a cair, sem motivo aparente. Ele temia estar a desenvolver o mal das quedas, aquele sofrimento terrível no qual um homem ou uma mulher, perfeitamente saudáveis quanto ao resto, se prostram no chão, de tempos a tempos, sem sentidos, contorcendo-se e gemendo. Essa doença, que era incurável, era olhada por alguns como uma espécie de loucura temporária e, por outros, como uma evidência de uma possessão por um espírito maligno. O facto de aqueles sintomas espantosos poderem surgir em qualquer momento fazia com que as pessoas fugissem de tais doentes. Para um advogado, seria o fim da sua carreira.

Apertei-lhe o braço. – Guy vai descobrir a razão de tal coisa, garanto-te. – Roger tinha desabafado comigo durante um almoço na semana anterior, e eu tinha conseguido que ele se encontrasse com o meu amigo físico o mais depressa possível – dentro de quatro dias.

Roger sorriu contrafeito. – Esperemos que sejam notícias que não me importarei de escutar. – Baixou a voz. – Disse a Dorothy que tenho tido dores de estômago. Acho que é melhor assim. As mulheres só pensam no pior.

– Também nós, Roger. – Sorri. – E, por vezes, sem motivo. Pode haver muitas razões para essas quedas; e lembra-te: ainda não tiveste ataques.

– Eu sei. Isso é verdade.

– Dorothy disse-me que tiveste uma ideia nova – disse-lhe para o distrair.

– Tive. – Sorriu sem grande vontade. – Estava a falar nisso ao amigo Loder, mas ele parece pouco interessado. – Lançou um olhar aos seus convidados. – Aqui, nenhum de nós é pobre – disse, serenamente.

Pegou no meu braço, afastando-me um pouco dali. – Tenho estado a ler o novo livro de Roderick Mors, *As Lamentações de um Cristão Contra a Cidade de Londres*.

– Devias ter cuidado. Algumas pessoas consideram-no sedicioso.

– A verdade perturba-as. – O tom de voz de Roger era sereno, mas vigoroso. – Jesus, o livro de Mors é uma acusação formal à nossa cidade. Ele mostra como toda a riqueza dos mosteiros passou para o rei ou para os seus cortesãos. As escolas e os hospitais monásticos fechados, os doentes abandonados à sua própria sorte. Os cuidados dispensados pelos monges eram muito, muito limitados, mas agora eles não têm nada. Deveriam envergonhar-nos a todos, essas legiões de gente miserável que jazem nas ruas, doentes e meio mortas. Ontem, vi um rapaz na entrada de uma porta, em Cheapside, os pés descalços já meio apodrecidos pelo enregelamento. Dei-lhe seis *pence*, mas, Matthew, do que ele necessitava era de um hospital.

– Mas, como dizes, a maior parte deles foi fechada.

– Razão pela qual vou lançar-me numa campanha de subscrições para um hospital financiado pelos Colégios de Jurisconsultos. Com uma subscrição inicial, e depois um fundo para legados e donativos de advogados.

– Já falaste com o tesoureiro?

– Ainda não. – Roger voltou a sorrir. – Estou a aperfeiçoar os meus argumentos com esta gente. – Acenou com a cabeça na direcção da figura roliça de Loder. – Ambrose afirmou que os pobres ofendem quem passa com os seus perigosos fedores e exalações; ele até era capaz de pagar para se limparem as ruas. Outros queixam-se dos pedintes importunos que clamam a todo o momento por um *penny*, em nome de Deus. Estou a prometer-lhes uma vida com mais tranquilidade. Há argumentos para persuadir aqueles que têm falta de caridade. – Sorriu e a seguir olhou-me, sério. – Estás disposto a ajudar?

Considerarei a questão por um momento. – Ainda que venhas a ser bem-sucedido, o que pode um hospital fazer face a toda a miséria que existe?

– Aliviar algumas almas infelizes.

– Ajudar-te-ei, se me for possível. – Se havia alguém que fosse capaz de levar a cabo esta tarefa, essa pessoa era Roger. A sua energia e o seu

engenho teriam um grande peso. – Darei o meu donativo para o teu hospital e ajudar-te-ei a conseguir outras contribuições, se quiseres.

Roger apertou-me o braço. – Eu sabia que me irias ajudar. Logo, logo, vou organizar um comité...

– Outro comité? – Dorothy tinha regressado, o rosto afogado pelo calor da cozinha. Olhou para o marido de um modo interrogador. Roger colocou-lhe um braço à volta da cintura.

– Para o hospital, querida.

– Vai ser difícil convencer as pessoas. As bolsas delas estão já a sofrer com todos os impostos decretados pelo rei.

– E podem vir a sofrer mais ainda – acrescentei. – Diz-se que vai ser solicitado ao novo Parlamento que conceda ainda mais dinheiro ao rei para ele avançar para a guerra com a França.

– Que desperdício – disse Roger amargamente. – Quando uma pessoa pensa no modo como esse dinheiro poderia ser utilizado. Mas, está claro, ele vai achar esta a altura certa para uma tal empresa. Com o rei escocês morto e a filha bebé no trono, eles não vão poder apoiar o lado francês.

Acenei com a cabeça em sinal de concordância. – O rei mandou para casa os lordes escoceses capturados na batalha de Solway Moss; consta que eles juraram arranjar um casamento entre o príncipe Eduardo e Maria, a bebé.

– Como sempre, Matthew, estás bem informado – disse Dorothy. – Barak ainda traz mexericos dos amigos que tem entre os servidores da corte?

– Traz, sim.

– Constou-me que o rei anda à procura de uma nova esposa.

– Andam a dizer isso desde que Catherine Howard foi executada – afirmou Roger. – De quem se fala, desta vez?

– Lady Latimer – respondeu Dorothy. – O marido dela morreu na semana passada. Vai haver um grande funeral depois de amanhã. – Diz-se que o rei teve um fraquinho por ela há alguns anos, e que agora vai avançar.

Eu não tinha ouvido ainda aquele boato. – Pobre mulher – afirmei. – Baixei a voz. – Tem de temer pela cabeça.

– Lá isso tem. – Dorothy assentiu com um gesto da cabeça; ficou calada por um instante e a seguir levantou a voz e bateu as palmas. – O jantar está pronto, meus amigos.

Seguimos todos para a sala de jantar. A comprida e antiga mesa de jantar, em madeira de carvalho, exibia uma baixela de prata, e os criados estavam a distribuir os pratos da comida sob a supervisão de Elias. As honras iam para quatro grandes galinhas; como ainda decorria a Quaresma, a lei teria normalmente permitido que se comesse apenas peixe nesta altura, mas o congelamento do rio tinha tornado o peixe proibitivamente caro naquele Inverno e o rei concedera uma autorização para que as pessoas pudessem comer carne branca.

Sentámo-nos nos nossos lugares. Eu sentei-me entre Loder, com quem Roger tinha estado a discutir um pouco antes, e James Ryprose, um advogado idoso, com umas patilhas hirsutas que lhe emolduravam um rosto tão enrugado quanto uma maçã de São João. Em frente a mim, sentaram-se Dorothy, Roger e a senhora Loder, que era tão roliça quanto o marido e que, como ele, exibia uma expressão de contentamento. Ela sorriu para mim, exibindo uma dentadura de dentes brancos completa, e, a seguir, para meu grande espanto, meteu a mão na boca e tirou para fora as duas fileiras de dentes. Reparei que os dentes estavam fixados em duas dentaduras de madeira, moldadas para se encaixarem sobre uns poucos restos escurecidos que eram tudo o que restava dos dentes dela.

– Ficam bem, não ficam? – inquiriu, reparando no meu olhar. – Um cirurgião-barbeiro, em Cheapside, fê-los para mim. Está claro que não consigo comer com eles.

– Guarda isso, Johanna – disse-lhe o marido. – As pessoas não estão interessadas em olhar para eles enquanto comes. – Johanna fez beicinho, tanto quanto uma mulher quase sem dentes é capaz, e colocou os dentes dentro de uma caixinha que guardou entre as pregas do vestido. Reprimi um arrepio. Achava aquela moda francesa, que algumas pessoas da classe alta tinham adoptado, de encher a boca com dentes retirados de gente morta, consideravelmente macabra.

Roger começou de novo a falar acerca do hospital, desta vez dirigindo os seus argumentos para o velho Ryprose. – Pense nas pessoas doentes e abandonadas que poderíamos retirar das ruas e talvez curar.

– Sim, isso seria uma coisa que valeria a pena – concordou o velho.
– Mas, e todos aqueles pedintes com bom corpo, e fortes, que infestam as ruas, importunando-nos a pedir dinheiro, às vezes, com ameaças? O que se há-de fazer com eles? Eu estou velho e, por vezes, tenho medo de andar a pé sozinho.

– Isso é totalmente verdade. – O irmão Loder inclinou-se na minha direcção para dar voz à sua concordância. – Aqueles dois que assaltaram e mataram o irmão Goodcole junto aos portões, em Novembro passado, eram servos sem senhor, saídos dos mosteiros. E não teriam sido apanhados se não se tivessem ido gabar do que tinham feito para as tabernas, onde gastaram o dinheiro do pobre Goodcole, e se um estalajadeiro honesto não tivesse ido chamar um guarda.

– É verdade, é verdade. – Ryprose acenou com a cabeça vigorosamente. – Não admira que homens sem senhor mendiguem e assaltem, impunes, quando tudo o que a cidade dispõe para assegurar a nossa segurança são alguns guardas quase tão velhos quanto eu.

– O Conselho Municipal deveria nomear alguns homens fortes para os expulsar da cidade à vergastada – afirmou Loder.

– Mas, Ambrose – disse-lhe a esposa serenamente –, porquê ser tão severo? Quando eras mais novo, costumavas defender que os pobres sem trabalho tinham direito a que lhes fosse dado emprego, que a cidade lhes deveria pagar para desempenharem tarefas úteis, como pavimentar as ruas. Estavas sempre a citar Erasmo e Juan Vives acerca dos deveres de uma comunidade cristã em relação aos desafortunados. – Sorriu-lhe com doçura, saboreando talvez alguma vingança pela ríspida observação de Ambrose acerca dos seus dentes.

– Era assim que tu pensavas, Ambrose, é verdade – disse Roger. – Lembro-me bem disso.

– E eu – concordou Dorothy. – Costumavas ficar absolutamente furioso acerca das obrigações do rei em relação aos pobres.

– Bem, desse lado não surge de certeza qualquer preocupação, por isso não vejo o que se espera que façamos. – Loder franziu as sobrancelhas, virando-se para a esposa. – Talvez trazer dez mil pedintes andrajosos para dentro do Colégio e servir-lhes uma refeição na Mesa Principal?

– Não – respondeu-lhe Roger, num tom de voz suave. – Usar apenas a nossa condição de homens ricos e ajudar uns tantos. Até que surjam melhores tempos, talvez.

– Não são apenas os mendigos que tornam o andar nas ruas um tormento – acrescentou o velho Ryprose, com uma expressão sombria. – Agora há todos aqueles palavrosos homens da Bíblia que surgem de todo o lado. No final de Newgate Street, há um que fica ali todo o dia, a gritar e a arengar que o Apocalipse está a chegar.

Houve murmúrios de concordância por toda a mesa. Nos anos que tinham decorrido após a queda de Cromwell, a protecção do rei aos reformadores que o tinham encorajado a separar-se de Roma tinha acabado. Ele nunca tinha apoiado verdadeiramente as crenças luteranas e estava agora a regressar gradualmente às velhas formas da religião, uma espécie de catolicismo sem Papa, com medidas cada vez mais repressivas contra os dissidentes; negar que o pão e o vinho do sacramento se transformavam no verdadeiro corpo e sangue de Jesus Cristo era agora uma heresia que implicava a pena de morte. Até a doutrina acerca do Purgatório estava a tornar-se de novo respeitável. Tudo isto era um anátema para os radicais, para os quais a única verdade deveria ser encontrada na Bíblia. A perseguição apenas tinha conduzido muitos reformadores até às facções mais radicais, e em Londres, particularmente, eles eram ousados e faziam-se ouvir.

– Sabem o que vi na rua, hoje? – perguntou outro convidado. – No exterior de uma igreja, as pessoas estavam a dispor ramos sobre a neve, para as cerimónias do Domingo de Ramos de amanhã. Então, surgiu uma turba de aprendizes e tirou dali os ramos ao pontapé, clamando que aquela era uma cerimónia papista e que o Papa era o Anticristo!

– Este radicalismo religioso dá aos aprendizes mais uma desculpa para se comportarem de uma forma louca – observou Loder, num tom soturno.

– Pode haver sarilhos amanhã – afirmou Roger.

Concordei com um gesto da cabeça. No Domingo de Ramos, as igrejas tradicionais levariam a cabo as cerimónias habituais, os comissários das igrejas trajados como profetas e uma criança montada num burro, enquanto que, nas igrejas deles, os pregadores radicais iriam chamar a isso uma blasfémia papista.

– Vai haver uma nova purga – afirmou alguém, num tom grave. – Ouvi boatos que o bispo Bonner vai tomar medidas enérgicas contra os evangélicos.

– Mais mortes na fogueira, não – disse Dorothy num tom de voz sereno.

– A cidade não iria aceitar isso – afirmou Loder. – As pessoas não gostam dos radicais, mas ainda gostam menos de mortes na fogueira. Bonner não se atreverá a tanto.

– Não? – perguntou Roger calmamente. – Ele também não é um fanático, só que do outro lado? Não estará a cidade a ficar completamente dividida?

– A maioria das pessoas deseja uma vida tranquila – disse eu. – Mesmo aqueles que, como nós, um dia foram radicais. – Sorri para Roger de um modo algo forçado. Ele acenou com a cabeça, reconhecendo-o.

– Há fanáticos dos dois lados – afirmou o velho Ryprose num tom de voz preocupado. – E nós, pobre gente normal, no meio deles. Temo, por vezes, que eles ainda nos hão-de trazer a morte.

†

A companhia desfez-se já tarde e eu fui um dos últimos a partir. Saí para uma noite que se tinha tornado de novo mais fria, a neve meio derretida a transformar-se novamente em gelo e a estalar debaixo das minhas botas. A minha disposição era agora menos alegre, depois daquela conversa à mesa de jantar. Era verdade que actualmente Londres estava cheia tanto de mendigos quanto de fanáticos, uma cidade infeliz. Mas uma purga ainda iria tornar as coisas pior. Havia, também, uma outra coisa que eu não contara ao grupo de comensais; os pais do rapaz que fora mandado para Bedlam eram membros de uma congregação radical protestante, e os problemas mentais do filho eram de índole religiosa. Gostaria de não ter tido de pegar naquele caso, mas estava obrigado a encarregar-me dos casos que as Demandas me atribuíam. E aqueles pais queriam ver o filho em liberdade.

Parei. Atrás de mim, ouvi passos suaves a estalarem sobre a neve derretida. Voltei-me, de semblante carregado. Os recintos interiores do Colégio de Lincoln eram considerados seguros, mas havia lugares por onde se conseguiria entrar. A noite estava escura, a lua meio escondida por nuvens e, àquela hora, apenas algumas janelas lançavam quadrados de luz sobre a neve.

– Quem vem lá? – gritei.

Não houve resposta, mas ouvi a neve meio derretida a estalar mais uma vez, quando alguém se afastou rapidamente. De sobrolho franzido, continuei. O som vinha do extremo mais afastado do edifício onde residiam os Elliard; o mesmo confinava com o muro das traseiras do Colégio de Lincoln. Coloquei a mão na minha adaga quando contornei a esquina do edifício. À minha frente, o muro exterior. Quem quer que estivesse por ali estaria encurralado. Mas não havia ninguém. O pequeno pátio entre os edifícios e o muro posterior, de quase quatro metros de altura, iluminado pelas janelas da residência dos Elliard, estava completamente deserto. Um estremecimento percorreu-me a espinha.

Então, reparei que a neve sobre a parte superior do muro tinha sido remexida. Quem quer que tivesse sido tinha trepado por ele. Fiquei ali a olhar; escalar aquele muro requeria uma grande dose de força e de agilidade. Não tinha a certeza absoluta de que era praticamente impossível fazê-lo, mas o pequeno pátio deserto e a neve remexida diziam o contrário. Franzi o sobrolho e segui na direcção contrária; haveria de dizer ao guarda que se deveriam colocar vidros partidos na parte de cima do muro.